

REDACÇÃO GERAL DO JORNAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração: Calçada do Cambro, 28-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Talhoba—Lisboa. Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Azeitão, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A guerra social

O URSO CONTRA A BALEIA

Quando se considera nos acontecimentos que se tem desenrolado desde 1918, somos invencivelmente levados a verificar que na Europa os mais poderosos factores políticos são a Gran-Bretanha e a Rússia soviética. A Alemanha imperial, destruída pelos esforços dos aliados, transformou-se numa nação desamparada, desorganizada, em pleno caos. O extraordinário esforço feito pelos franceses para serem o ponto de apoio infrangível erguido ante a autocracia alemã, esgotou-os. Os franceses sofreram maiores perdas humanas que o império britânico, dum população superior, e até perdas superiores ao conjunto dos restantes aliados. A França sofreu em ruínas materiais, não só proporcionalmente, como em absoluto, mais que qualquer dos seus aliados. O elemento motor deste extraordinário esforço foi o alto ideal de que estavam impregnados todos os franceses. A liberdade ou a morte! Uma multidão sucumbiu. Os que sobreviveram guardaram as suas liberdades, porque a autocracia alemã foi esmagada. Mas a França jaz arquejante, esgotada, talvez tanto como a Alemanha, apesar de não ter, como esta, sofrido a fome. Pequena pela sua população na Europa contemporânea, grande pela sua energia e pelo seu poder moral, a França, com o apoio dos Estados Unidos do presidente Wilson, poderia ter sido o factor mais poderoso da política mundial se os governantes, com vistas gerais e largas, se orientassem por fins ideológicos. Desgraçadamente, tacanhamente, portanto, intencionalmente patriotas, cegos e surdos, os governantes só tinham em vista mesquinhos fins materiais. Deste modo mataram a força moral do país, que conduziria à ruína. E necessariamente se transformaram em simples satélites da política imperialista britânica. E desde então o seu papel consistiu simplesmente em procurar em assenhorar-se de algumas migalhas do bolo que os imperialistas britânicos julgavam reservado para seu uso após a queda definitiva do seu concorrente: o imperialismo germânico. Felizmente para o progresso democrático, a detenção do poder obnubilou sempre mais ou menos a razão, e os dirigentes britânicos não puderam escapar a este efeito psicológico fatal. Tendo aniquilado a democracia americana, enganando e envolvendo nas suas redes o presidente Wilson; observando a concentração do imperialismo americano, que só aspira a exercer a sua acção sobre as três Américas; julgando demasiado afastado para lhe fazer sombra o imperialismo japonês, acreditaram facilmente serem os senhores da situação. Com efeito para eles não havia outro adversário a não ser a Rússia soviética. *Mutatis mutandis*: encontraram-se na mesma situação que os seus antepassados perante a Revolução Francesa, nos fins do século XVIII. Julgaram vencer Napoleão e a Revolução, quando na realidade foram eles os vencidos. E agora o mesmo se dará. Pela força dos acontecimentos, o imperialismo britânico actual é, no mundo moderno, o sustentáculo, o representante do ideal autocrático e reaccionário, e, por idénticas causas, a Rússia bolchevista representa o ideal socialista e até a ironia dos fenómenos sociais: o ideal democrático, de que pretende ser o inimigo.

A guerra mundial foi, sob um aspecto, a luta do ideal democrático e libertário representado pelos aliados ocidentais, contra o ideal autocrático e realista, representado pelos centrais. O período do pós-guerra mostra-nos o mesmo fenómeno sociológico. A diferença consiste agora em os aliados ocidentais se terem transformado no símbolo do ideal autocrático e serem os soviets orientais o símbolo do ideal democrático e libertário. O conflito entre estes dois ideais é permanente. Era, portanto, forçoso que este conflito prosseguisse sob uma forma activa e violenta nos tempos que decorrem em que os povos ideais estão em plena ebulição. Por isso os imperialistas ocidentais, apesar das suas disputas sobre a partilha dos despojos da guerra, uniram-se com a certeza de que poderiam abater o perturbador que se erguia no horizonte oriental, no país donde vem a luz.

E há três anos que a luta dura! E, apesar disso, as suas esperanças não se desvaneceram e esperam ainda triunfar! A luta parece que deverá durar ainda anos, com vicissitudes e aspectos diversos. O mundo encontra-se perante uma verdadeira guerra social, que reveste as formas variadas de guerras entre religiões, entre nações, entre *clans* duma mesma classe. Cinco, dez, talvez vinte anos decorrerão antes que finalise a presente guerra social pelo inelutável triunfo do proletariado sobre o capitalismo.

Actualmente, esta guerra mostra-se-nos sobretudo como um duelo entre a classe capitalista dirigente da Gran-Bretanha e da nação russa, com excepção dos antigos dirigentes russos, emigrados que desde 1918 desempenham papel idêntico ao dos emigrados de Coblença. Neste duelo entre o urso russo e a baleia britânica, esta tem tido a habilidade de fazer com que os outros se batam, contentando-se em aprovisionar os seus mercenários de notas de banco, víveres e munições. E por esta forma se criou o exército de Yudenitch, o de Denikine, o de Kolchak. Dir-se-iam os exércitos dos príncipes e de Condé! O sucesso que os esperou foi o mesmo, pois que sucessivamente se desvaneceram. Mas ao desaparecerem não suprimiram os efeitos produzidos durante os seus dois anos de existência. E estes efeitos foram desastrosos para o imperialismo britânico e para os outros imperialismos ocidentais. E assim foi porque as intervenções estrangeiras na Revolução Russa desenvolveram o espírito nacional russo, ainda na infância, fortaleceram-no e amadureceram-no por uma forma estranha! E os bolchevistas internacionalistas transformaram-se nos mais activos agentes do nacionalismo russo!

Emquanto que na época czarista da ante guerra—passado já bem longínquo—uma política britânica se chocava tão somente contra um império russo sem outra coesão que a força burocrática da autocracia czarista, agora choca-se com uma nação em pé, tendo a consciência dos laços que a unem, desde o Mar Branco ao Cáspio, desde o Dnieper ao Mar de Behring. A luta contra o bolchevismo internacionalista gerou, desenvolveu e tornou poderoso o nacionalismo russo! O urso bateu-se em pessoa, e não por intermédio de mercenários, como a baleia. Resistiu e venceu. Mas o caminho da sua vitória foi semeado de sofrimentos e de mortes. São os frutos sempre amadurecidos pelos imperialismos e pelas autocracias.

John Bull é sempre lento em compreender, quer seja a classe dirigente, quer seja a massa dos dirigidos, e por esta mesma razão, é cabeçudo. Não tendo conseguido abater o urso com o auxílio dos seus aliados mercenários resolve então fazer a paz com ele para melhor o estrangular. E isto consiste a ofensiva da paz de que se fala há meses. Esta ofensiva difere da ideia das negociações em Prinkipo, em que por esta ocasião, sob a vontade dum homem honesto—coisa rara entre os políticos dirigentes—o presidente Wilson, tratava-se então de levar a efeito uma paz honesta, enquanto que as negociações comerciais com as cooperativas russas e com os soviets representam uma simples trégua. Sob uma forma nova é a repetição da paz de Amiens. Lenine e os seus colegas não o desconhecem e preparam-se não como crianças que desejam a paz a todo o custo, mas sim como homens cónscios da duplicidade histórica dos dirigentes da perdition Albion.

Lenine, Trotzky e os seus colegas são superiores intelectualmente aos Lloyd George, aos Bonar Law e colegas destes. Os primeiros são ideólogos e realistas, enquanto que os outros são simples utopistas sentimentais que julgam poder reter a marcha do mundo para um futuro de maior liberdade, igualdade e solidariedade. Parecem-nos tão loucos como homens que pretendessem ter o curso dos rios! Por isso, na sua loucura, longe de deterem a marcha do mundo, precipitam-na. Sob o seu impulso inconsciente, esta marcha transformou-se numa corrida com quedas, paragens, saltos. A Rússia soviética caminha à frente. Esfomeada presa de epidemias, não cansa, porque dois ideais a empurram: O Comunismo e o nacionalismo.

Não só a República federativa dos soviets russos se defende do seu inimigo: o império britânico, mas faz mais ainda—ataca-o. E ataca-o no seu ponto sensível: na Ásia e nas Índias. Recomeça o que Napoleão I pretendia fazer: ferir o poder britânico na Índia. Não conseguiu Napoleão o seu objectivo por razões diversas: meios de luta pequenos para a obra a realizar; afastamento do

OS FORÇADOS OS TRAPEZEIROS

A GANDAIA

Mais ou menos, toda a gente os terá visto, toda a gente os distingue, mesmo quando os seus peris caricaturais até ao pesadelo se esbatem na frouxa claridade de um amanhecer indeciso.

Ainda que os não denunciaste a saca que carregam sobre o dorso e a bengala ou a foicinha tradicional, que lhes ajuda a revolver o lixo, há em todos eles uma tam aguda marca de desgraça: sobre das suas figuras alucinadas, quasi inverosímeis, uma tam angustiosa sugestão de inferioridade, que só justamente quem disputasse o alimento aos cães, ou pesquisasse na imundície a certeza de alcançar o dia seguinte poderia oferecer o seu aspecto hediondo, doidamente exagerado pelos andrajados ignóbeis e indelétricos.

Peregrinos do que não presta, colecionadores forçados de todos os despojos repentes, todo-o-mundo os terá avistado como proscritos da espécie humana, curvados sob a saca atulhada e repente, mas a quantos, a quantos terão eles arrancado este grito de contrição:

—Mas onde irão eles?... Donde virão eles?...

E' numa cova, a imitar uma ruela pedregosa, encurvada numa linha de rochedos abruptos e melancólicos.

A casaria incrustada a êmo pelas encostas, lembra, na profusa rectilínea das janelinhas, uma fiada de celas de uma colónia presidária, e a erva, crescendo às portas tranquilamente, parece manifestar a sua indiferença.

Assim, outra voz guinchou:

—Não me leves isso, grande bruto! Depois de limpo, ainda dá para um de nós comer. Se tu és muito rico, eu ainda preciso muito.

—Pois tu ainda aproveitas isso para comer?—chasquinhou um vesgo amulatado, e com o nariz carcomido horriavelmente.

—Admiras-te?... Era melhor que não te embebedasses tanto...

O mulato voltou as costas, deu umas passadas, depois regougou:

—Eh! Estão vocês a olhar-me?... Era melhor que vissem aquele saguim a passar-se com um bocadinho de prego.

Foi um alarido, um tumultuar de risos, de pragas, de correrias para linchar um rapaz que, numa heróica gaite, entrou na loja do ferro-velho, com alguns pregos furtados a uma velha farrapona, iria rematar uma cena de miséria, não menos pungente que as anteriores.

Na Loja, a mãe do garoto questionava com um homúculo, gago, que junto a uma balança ia titubendo os pregos da farraparia apanhada pela cidade.

—Três quilos de... e... osso, três vinténs, com um quilo de chita, quatro vinténs e meio. Outra!

A mãe do garoto não se conformava. Nas outras lojas pagavam melhor. Ela veio ali porque, enfim, já estava muito acostumada e, afinal, ele não era muito ladrão no péso, mas assim... Ainda se ao menos chegasse ao tostão! Não era por mais nada, é que aqueles dez réis faziam-lhe muita falta, era uma continência certa. Portanto, se não desse ao menos o tostão, que não se ofendesse, mas ela iria a outra parte.

O lojista, gaguejando, fez-lhe ver que não era muito fácil encontrar outro estabelecimento que lhe desse mais e que, por dez réis, não valia a pena cansar-se numa nova e respeitável caminhada. Enfim, se quizesse queria; se não quizesse, ele também não se haveria de zangar por causa disso.

Ela não desistiu; tinha muito amor aos dez réis, e foi neste intervalo que o garoto, que andava toda a manhã na gandaia para lhe trazer uns pedaços de osso e uns farrapos de chita, saiu da loja e foi apanhando a *surrupiar* uns pregos a outros miseráveis como ele e como a mãe, gente contaminada por todas as taras, por todas as desgraças, por todas as imundícies; gente desonhada e inferiorizada, gente que vive ainda para além de todo o lixo da humanidade.

Eduardo FRIAS.

terreno de luta, a França; enfim sobretudo nenhuma ideologia capaz de comover, de sublevar as massas populares da Ásia.

Lenine, porém, está noutras condições. Entre a sua base, Moscova e a Ásia Menor, a Pérsia e a Índia, nenhuma solução de continuidade existe. Mas acima de tudo há um ideal—verdadeiro ou falso, bom ou mau, não importa—bastante poderoso para sublevar e inflamar as massas. Este ideal é o nacionalismo ou a liberdade dos povos, o comunismo ou a igualdade e a solidariedade das massas. Assim o urso bloqueado e estafado está no caminho da vitória contra a baleia gorda e anedada.

Paris, Maio de 1920.

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

A vida deste jornal tem sido constantemente abalada, não só pela subida desenfreada do preço do papel, como pelas perseguições acinzentadas de quem tem sido vítima por parte dos que governam. As despesas, portanto, tem aumentado e os prejuizos são de elevado vulto.

Porém—e isto nos consola e nos alenta a prosseguir na senda que trilhamos—, a classe operária tem sabido corresponder, duma maneira que não oferece dúvidas, aos nossos apelos, contribuindo com o seu esforço monetário, quantas vezes retirado ao seu orçamento caseiro, para que este baluarte não desapareça.

E' de crer que todos os trabalhadores se vão comprometendo de que é necessária a existência de *A Batalha* e por isso não devem deixar de auxiliar para que tenha uma vida desfogada.

A seguir publicamos mais uma lista das importâncias ultimamente recebidas:

Transporte...	5,609\$93
José dos Santos (3 cotas semanais).....	2\$10
J. A. M.....	\$30
Quete na fábrica de moagem de Santo Amaro, secção de ensaque (lista n.º 1).....	3\$25
N. M.....	1\$00
N. L. M.....	\$30
Dionísio Silva.....	\$50
Brinde.....	5\$00
Edmundo Luis Vaz.....	1\$50
Palma Conceição Soares.....	\$20
A. S. P.....	\$130
Manuel Baptista.....	\$10
Quete aberta na Construção Civil (Portugal).....	\$875
L. P. (Amarante).....	2\$00
Az.....	2\$50
José Manuel Gil.....	\$50
Amaro Loureiro.....	\$20
Olivera.....	\$20
António Ribeiro.....	\$20
Francisco Gaspar.....	\$40
Rurais Monte Tigo.....	3\$50
Antero Fernandes (cota semanal).....	\$45
Lhuu (cota semanal) (2).....	\$10
José Pereira Fortes, cotas de Março a Maio.....	1\$50
Idem de Junho.....	1\$00
António Lima Queiroz (Lourenço Marques).....	10\$00
João Francisco.....	2\$50
José dos Santos Carvalho.....	\$50
M. Canhoto e A. Cardoso.....	\$16
Quete aberta no Bairro Social n.º 1 (comandita 4).....	1\$80
António Rodrigues Pereira.....	\$50
João Munhos.....	\$50
José Francisco.....	\$30
Ferreira Quartel.....	\$50
Manuel Inês.....	\$25
Manuel Costa (Amora).....	\$125
Augusto Carlos Rodrigues.....	1\$00
Associação dos Rurais (Evora) cotisação referente a Maio.....	7\$50
Quete aberta em Almada.....	10\$64
Leonel Coutinho.....	1\$00
António Teixeira.....	\$50
João Cabral.....	\$50
Manuel Jesus Silva (Pinhal Novo).....	2\$00
Um grupo de metalúrgicos (Pórtio).....	\$50
João Domingos.....	\$80
Manuel J. Silva.....	1\$00
João Tomé Lopes.....	2\$00
José Gomes Pereira, um ano de auxílio a 5 cts. diários.....	18\$50
Quete em Braga, Const. Civil.....	2\$50
Abílio Graça Andrade.....	1\$00
Francisco H. Saude.....	5\$00
António F.....	\$30
Manuel N. Cabarrão.....	\$100
António Godinho.....	\$50
Juventude Sindicalista (Barcena).....	5\$00
Rurais Serpa (quete).....	1\$00
Luis Lopes.....	4\$20
Quete aberta em Albernoa (lista n.º 2).....	1\$00
Júlio Gonçalves Pereira.....	2\$45
Quete na nova Morgue (lista n.º 3).....	1\$00
Manuel Pereira.....	1\$00
Manuel da Cunha.....	\$50
Guilherme Santos.....	\$35
Francisco Carmelo.....	\$50
Um pedreiro.....	\$25
José Moreira.....	\$20
Adriano Oliveira.....	\$50
M. N.....	1\$00
Total.....	5,679\$41

NOTAS & IMPRESSÕES

PLENILÚNIO...

O alto das Chagas—talvez muita gente o não saiba—é um lugar bastante agradável, sobretudo nas decorrentes noites caniculares. Ali, o calor sufocante de Agosto é deliciosamente atenuado pelas salgadas emanções do Tejo, e chega mesmo a figurar-se-nos que o sol passa sempre mais alto e é sempre menos abraçador. Como se suficientes não fossem tamanhas virtudes atmosféricas, numa época em que as virtudes não andam aos pontapés, possui o supradito a rara vantagem de ser o ponto escolhido pela gaitada barista para fazer dele campo de futebol de via reduzida, com prejuizo manifesto dos vidros das janelas e dos narizes alheios. Esta ocupação, demasiado sportiva e bastante perigosa, é interrompida, na quadra ant. uma e mangericamente aborrecedora que se atravessa, porque é preciso dar nos bolsos do cidadão, à divina de cobré, o seu golpe feito todos os dias com uma precisão de tal modo automática, que a gente chega a julgar os miúdos sujeitos às mais rigorosas e inflexíveis leis da mecânica. E' entenebrecida, comovente, semelhante obstinação em tam pouco lucrativa cruzada. Mas eis que tudo isto não é ainda bastante. O retro mencionado alinho, donde se divisam os navios que saem e até aqueles que entram, quando não há nevoeiro e quando algum decreto o não proíbe, é também a tranquilidade e recatada sala, onde alguns pares de namorados se dão rendez-vous com uma regularidade também de algum modo mecânica. Eles alongam-se pelos passeios, cossem-se com as paredes, encostam-se às esquinas e aos candieiros, e aproveitam as infinitas silências de cantaria para se occultarem, como se o amor fosse um crime ou uma maldição.

E' assim o alto das Chagas; eu conheço-o muito bem. E' por lá que passo todos os dias, quando vou para o trabalho ou quando dele regresso, e é lá, ainda que as noites de plenilúnio tem mais beleza e poesia. A luz, parece que sabendo ser o sítio concorrido de amorosos, pode não estar noutro lado qualquer—nas Chagas está sempre. E' dela, talvez, que os derrichos se escondem com receio de impertinentes indiscreções que aos transeleiros, afinal, não aprovetariam. Com efeito, o astro noturno tem certo faticar por aquelas paragens, e este assunto, que me traz bastante intrigado, ainda há de levar-me a perguntar ao sr. Flamarion a razão de tam frequentes excursões da lua que, a não ser por indesculpável bisbilhotice—pecha um tanto vulgarizada no seu sexo—não tem aceitável explicação.

Ora aqui é que bate o ponto. Resstringiu-se ultimamente a luz, por meio dum decreto, como tudo quanto é feito nesta santa terrinha. Para poupar o carvão—diz-se—é proibido, nas noites plenilunáticas, acender luzes nas ruas, o que faz com o que o lisboeta amigo, morando longe das Chagas, fique fraquissimamente iluminado pela fria claridade lunar, se bem que optimamente pelo "talento radioso" daquela pessoa que nós sabemos, o qual, todavia, não é luz suficiente para garantir até casa, entre as

NOTAS & COMENTÁRIOS

Chineses. Publica *O Século* da noite um *suelto* interessante. Os editores de Leipzig, mandaram editar várias obras à China, conseguindo assim um abatimento de 75 0/0 sobre os preços daquela cidade. Acaba, porém, *O Século*, por chamar a atenção dos operários europeus para esse facto, como que dando a entender que os trabalhadores poderiam subtrair 75 0/0 aos seus salários, para se igualarem aos seus camaradas chineses. Estamos plenamente de acordo. Bastava para tal que os comerciantes e industriais europeus baixassem 100 0/0 no que o operário necessita para viver.

Hermanos. Os cozinheiros, pasteleiros e similares espanhóis escreveram para a redacção de *El Sol* dizendo que no seu movimento grevista lutam pelos seus interesses e também pelos do público. Por esse motivo os proprietários mostram-se intransigentes.

Interesses. Informam-nos da Arcada que se encontra em Lisboa o governador civil de Coimbra que vem tratar da criação dum tribunal de investigação naquela cidade e de outros assuntos que interessam ao seu distrito. Que mais assuntos há de interessar à cidade no critério de quem quer tribunais? Naturalmente alguma guilhotina.

Torre e Espada. Não há cão nem gato que não apañe a Torre e Espada ainda agora em moda. Daqui a pouco torna-se tam banal como o hábito de Cristo.

Tanto os homens como as coisas a possuem. Tem-no o soldado e tem-na o major; recebe-a o general e apanha-na as cidades. Lisboa vai ter na sua bandeira as insignias da Torre e Espada. O que não há meio de ter é azeite.

União dos Sindicatos Operários

Sessão de protesto

Reinam hoje, pelas 21 horas, na sede deste organismo, os delegados da C. T., Federações de Indústria, Sindicatos Únicos e Sindicatos Isolados, a fim de tomarem parte na sessão que a U. S. O. promove para protestar contra a forma aviltante como se está perseguindo sistematicamente a organização operária e o seu órgão na imprensa, *A Batalha*.

Os oradores, já inscritos, também dissertarão sobre a monstruosa condenação de que foram vítimas as camadas rurais de Évora, ultimamente julgadas no tribunal desta cidade.

Visto a importância dos assuntos que serão tratados nesta sessão, ficam por este meio convidados todos os trabalhadores a assistir.

C. E. P.

Consta-nos que já não partem para a África, conforme estava assente, os condenados do C. E. P.



... sons roucos, alcoolizados, intercalam o despejar das sacas, que levantam sempre grandes nuvens de poeira...



... como proscritos da espécie humana curvados sob a saca atulhada e repente...

Augusto Hamon

Na sua recente reunião, o Conselho Confederal tomou resoluções sobre a situação de "A Batalha"

Com a presença da maioria dos delegados, realizou-se, anteontem, a terceira reunião do Conselho Confederal, encetando-se os trabalhos pelas 21,30 horas, aos quais presidiu a mesa das sessões anteriores.

O camarada João de Matos enviou para a mesa a seguinte proposta, que foi aprovada:

Proponho que, as reuniões do Conselho Confederal, se realizem às segundas, quartas e sextas-feiras, até a aprovação do relatório do Comité Confederal.

Entrando-se na apreciação das propostas e moções pró-Batalha, apresentadas na sessão anterior e que tinham baixado ao Comité para estudo, Manuel J. de Sousa lê o seguinte:

Parer

Em conformidade com a decisão do Conselho Confederal, na sua sessão de 2 do corrente, o Comité, reunido em 3, conjuntamente com os representantes da administração de A Batalha, estudou os novos encargos, que sobre o órgão confederal impendem neste momento, e verificou que, mesmo com a subida do preço de cada exemplar para cinco centavos, o seu déficit diário é de 128\$00, ou seja, 3.840\$00 mensais.

A soma da receita e despesa diária expressa, partindo do princípio de que a sua tiragem, em virtude do aumento de preço, baixe para 8.000 exemplares, comprava o que acima dizemos, venda diária de 8.000 exemplares, de quatro páginas, a três e meio centavos...

280\$00
Anúncios..... 20\$00
Total da receita... 300\$00

DESPESAS:

Papel, 250 quilos a 1820..... 300\$00
Impressão..... 25\$00
Composição..... 56\$00
Redacção..... 20\$00
Informação..... 4\$00
Administração..... 9\$00
Expedição..... 9\$00
Casa, luz e limpeza..... 4\$00
Despesas gerais..... 1\$00

Deficit diário..... 128\$00
mensal..... 3.840\$00

Os cinco centavos como cotização voluntária mensal por sindicato, votados já na reunião das Federações, Unões, Sindicatos Nacionais e Unicos, de 21 de fevereiro, poderiam chegar para cobrir aquele prejuízo, se este continuasse subsistindo, apesar do aumento de preço do jornal. Mas o seu carácter voluntário não constitui garantia suficiente para a estabilidade do jornal.

Para que A Batalha possa ter mais equilibrada a despesa com a receita, e assim ter garantida a sua existência, absolutamente indispensável para a organização e para a propaganda, necessita dum fundo especial permanente.

Esse fundo pode criar-se com a cota de um centavo por semana e por sindicato, cota que seria cobrada por meio do selo-cota confederal.

A cota por sindicato para a Confederação, é de meio centavo por semana. Se se tiver em consideração que na época em que aquela cota foi estabelecida não estava o custo da vida tão elevado como agora, verificar-se-ia que aquela cota é absolutamente insuficiente.

Tem a Confederação despesas periódicas inalienáveis — se quiser corresponder à missão para que foi criada. Subiram os preços dos transportes, da hospedagem, os salários e todos os objectos de secretaria.

As questões jurídicas, que correm pelo respectivo Conselho, elevam-se de dia para dia, acumulam-se e estendem-se a todo o país.

As relações internacionais são cada dia mais extensas e intensas, e comportam um considerável aumento de despesa.

Uma representação que surja dum momento para o outro, inesperadamente, por motivo da diferença cambial, importa numa considerável despesa. E pela circunstância das relações internacionais serem cada vez mais apertadas, não pode a organização portuguesa eximir-se ao cumprimento dos seus deveres de solidariedade.

Meio centavo que até agora se tem cobrado semanalmente a cada sindicato é insuficiente para ocorrer a metade sequer das despesas confederais.

Importa, portanto, elevar essa cotização para mais meio centavo, isto é, ficar em um centavo.

Deste modo a cota por sindicato e por semana terá de passar para dois centavos, destinando-se 50 % para A Batalha.

Não ignora o Comité o que representa de penoso para a organização este aumento de cota, mas sem ele, a Confederação terá que limitar a sua acção à correspondência manuscrita, sempre útil e necessária mas insuficiente no momento que passa. O próprio Conselho Jurídico ficará com uma acção limitada, quasi prescindível e A Batalha ficará condenada a desaparecer.

O Comité está, porém, convencido que a organização corresponderá a esta necessidade absoluta, desde que seja convenientemente elucidada por uma intensa propaganda esclarecedora, que se faça no seu seio, de modo que a cota por sindicato seja proporcionalmente elevada.

Uma coisa há a considerar ainda: A Batalha necessita rapidamente do auxílio material. E contudo o aumento de cota não entra dentro deste momento em vigor.

As considerações rapidamente expostas o Comité é de parecer:

1.º Que a cota confederal passe a partir de julho em diante a ser de 2 centavos por semana e por sindicato, de-

vendo a mesma ficar distribuída do seguinte modo:

a) 50 % para A Batalha;
b) 40 % para as despesas confederais;

c) 10 % para o Conselho Jurídico;

2.º Que seja imediatamente enviada uma circular a todos os organismos sindicais, elucidando-os desta resolução e convidando-os a promover urgentemente as suas assembleias gerais afim de elevarem as suas cotas de modo que possam tirar a percentagem que lhe é pedida;

3.º Que as Unões locais destaquem delegados para assistir a essas assembleias afim de se elucidar da necessidade desse aumento;

4.º Que as Federações, independentemente da circular, oficiem aos seus organismos aderentes sobre a mesma questão e no mesmo sentido;

5.º Que pela administração de A Batalha, sejam emitidas as 25.000 obrigações de 50 centavos cada uma, para serem mais acessíveis aos operários, e de comum acordo com o Comité, o faça distribuir a todos os organismos sindicais com o carácter de urgente;

6.º Que neste sentido seja desde já feita uma intensa propaganda pelo nosso órgão e por todos os delegados que das centrais vão desempenhar-se de qualquer missão junto de sindicatos locais ou na província.

Lisboa, 4 de Junho de 1920. — O Comité.

A discussão do parecer

João Carlos Cardoso manifesta a opinião de que o prazo dum mês é tempo insuficiente para propagar a necessidade do aumento da cota, alvirando que se desse um prazo mais longo para se poder levar à prática essa modificação acabando por propor o mês de Agosto para início do aumento.

Manoel J. de Sousa responde que o Comité já tinha ponderado esse inconveniente, mas que quanto mais latitude é dada para a materialização duma determinada medida, mais difícil se torna a efectivação.

Alfredo Marques diz que está de acordo com o aumento proposto, mas reconhece que o tempo indicado é curto para a sua realização.

Júlio Luis declara estar de acordo com o parecer e que quanto ao prazo indicado, se, aos sindicatos da província, não for possível concorrer tam prontamente, pelo menos os de Lisboa pode-lo há fazer.

Francisco Cristo diz que compete aos delegados da província fazerem, junto dos organismos que representam, a propaganda necessária, de maneira que ponham em prática, o mais rapidamente possível, o aumento da cota.

Alberto Monteiro acha pequeno o aumento proposto, pois que está convencido que dentro de alguns meses será necessário tornar-se a estabelecer novo aumento.

Eduardo Jorge declara não achar justo que haja camaradas que pelo simples facto de colaborarem em A Batalha, recebam remuneração.

Júlio de Matos, diz que já tem ouvido referências nesse sentido.

Gil Gonçalves afirma não estar de acordo com as palavras da camarada Eduardo Jorge, pois que A Batalha não está nas condições dos jornais semanários e de classe, porque a sua missão é mais elevada e, portanto, mais difícil de realizar, o que motiva a respectiva redacção a encarregar alguns camaradas de determinado original, havendo toda a razão para que esse seu esforço lhes seja pago, pois que o seu trabalho é útil ao jornal, sendo preciso valorizá-lo por todos os meios e em todos os campos.

Francisco Cristo confirma que o original abunda na redacção, mas dando-se o facto do jornal ter que sair só com duas páginas, muito dele fica de fora, acrescentando ser necessário que o jornal discuta e desenvolva o maior número de questões.

Eduardo Jorge, como delegado da União Local do C. G. T., declara que agora fica mais habilitado a melhor elucidar sobre o assunto a assembleia de delegados do organismo que representa.

Manuel J. de Sousa diz que os jornais estrangeiros não são mais bem colaborados que A Batalha, congratulando-se pela forma como tem sido colaborado o porta-voz da organização operária.

Júlio Luis lamenta que um caso tam insignificante seja trazido à discussão do C. G. T.

Júlio de Matos e Eduardo Jorge declaram que não trouxeram este assunto à discussão, mas acham vantajoso que dele se trate, pois que assim se habilitam os delegados a responder com precisão a quaisquer interações que lhes façam sobre ele.

Silvério dos Santos explica que a federação da sua indústria vai realizar o seu congresso, e que na tese de organização é elevada a cota do sindicato, mas não nas condições do parecer, mas confia que esse congresso aprovará o aumento que nela se propõe.

Não tendo mais nenhum delegado pedido a palavra, para debater o assunto em discussão, foi posto o parecer a aprovação, o qual foi por unanimidade.

Manuel J. de Sousa lê a circular que deve ser enviada às organizações sindicais, sobre a campanha de protesto a encetar contra a condenação dos nossos camaradas de Évora.

Júlio de Matos lembra que a União dos Sindicatos do Porto, se recorde a necessidade que há de fazer a máxima propaganda no sentido de que seja feita justiça aos camaradas mineiros de S. Pedro da Cova, há tanto tempo presos e que devem ser novamente julgados no dia 18.

Júlio Luis lê a circular escrita pela comissão nomeada pelo C. G. T., e que tomou o título de "Pró-Liberdade de Imprensa".

Posta a votação, foram as duas circulares aprovadas.

A Comissão "Pró-Liberdade de Imprensa", pediu para que lhe seja permitido que, quando julgar necessário,

COMUNICAÇÕES

Sindicato Único da Construção Civil. — Comissão de Melhoramentos. A comissão de negociações esteve ontem tratando com o ministro do comércio de vários assuntos de alto interesse para os operários que trabalham por conta do Estado, falando-se sobre o regime de tarefas a efectivar nas obras do referido ministério. A mesma comissão protestou junto do ministro contra o facto de, numa local do Seculo, se dizer que a fraude existente nas obras daquele ministério, na parte referente ao entulho que se tem retirado das obras, ser da responsabilidade dos apontadores e com a cumplicidade dos operários, posto que estes não têm interferência de qualidade alguma na saída do entulho, sendo apenas entregues aos guardas das obras pelos condutores de carroças que executam aquele trabalho uma senha por cada carroça de entulho que sai, os quais ao fim do dia as entregam ao apontador da obra, que é também quem as fornece aos condutores de carroças a fim de o entulho poder sair. Deste modo ficou o ministro sabendo que se existe fraude nesse serviço do Estado é apenas da responsabilidade dos apontadores e não dos operários.

O ministro respondeu que essa notícia publicada em O Seculo não era da autoria do governo, visto que nos casos de roubo que se tem apurado nas suas obras não figurava nenhum operário e, que por esse motivo, tem por várias vezes elogiado a sua conduta moral até mesmo no parlamento.

A comissão tencionava realizar uma reunião de todos os operários do Estado, na Caixa Económica Operária, em dia e hora que oportunamente se anunciará, a fim de dar-lhe conhecimento de tudo quanto se tratou com o ministro do comércio e, especialmente, a forma como ficou assente o regime de tarefas a efectivar nas obras daquele ministério.

Secção Profissional dos Serventes. — Reuniu ontem, em assembleia geral, tratando dum assunto referente à obra da Morgue, resolvendo aguardar a resposta do Conselho Federal sobre a questão; a assembleia protestou contra as insinuações do jornal "O Seculo", que diz que os operários são coniventes nas fraudes cometidas nos fornecimentos para as obras do Estado.

Pessoal da Carris. — Reuniu esta classe em assembleia geral. Foram nomeados dois delegados para a comissão de estudos e propaganda para duas vagas que existiam, recaiando essa nomeação nos camaradas Santos Júnior e Jorge Martins. Em seguida a comissão de melhoramentos expôs as suas demarches para restituir à liberdade o camarada Carlos Fortes, que tinha sido preso por motivo do último movimento. Alguns camaradas mostraram-se descontentes com o aumento de salário concedido, porque a Companhia os classificou como serventes quando eles o não são. Foram censurados alguns camaradas que, ao terem conhecimento deste facto, procederam dum forma pouco correcta: em vez de virem reclamar ao sindicato, queimaram as cadernetas sindicais, mostrando assim que só os anima o espirito de egoismo. Os trabalhos continuaram amanhã, às 20 horas.

Empregados de fotografia. — Reuniu a comissão executiva para tratar dos trabalhos de sua incumbência, recebendo donativos que bastante satisfazem as necessidades para auxílio dos empregados ora em luta. Mais se occupou da situação dos empregados que até à data não receberam o salário exigido pela classe, estando no firme propósito de fazer vingar esta causa, operando conforme as circunstâncias o exigiam. Aceitam, além das casas já dadas a publicidade as reclamações por esta classe apresentadas, as seguintes: Fotografia Francesa, Fotografia Rodrigues, António Moqueungo, esperando a comissão, que na próxima semana mais algumas casas, satisficam as reclamações.

CONVOCAÇÕES

Sindicato Unico Metalúrgico. — A comissão administrativa depois de ter

possa agregar a si os elementos que julgue uteis.

O C. G. T. aprova, mas julga conveniente que seja sempre feita de acordo com o Comité a agregação de povos elementos.

A sessão terminou aos 0,30 minutos, ficando a próxima marcada para quarta-feira.

Uma circular aos organismos operários

Sobre o aumento da cota confederal vai ser enviada aos sindicatos, federações e unões, a seguinte circular:

Presados camaradas. — Decerto não desconhecereis a situação financeira e moral em que se encontra o nosso órgão A Batalha. Pelo parecer publicado verificareis que o nosso órgão tem um deficit diário de 128\$00, apesar de cada exemplar se vender a 5 centavos. E a situação verdadeiramente angustiosa, se não se lhe acudir a tempo com o auxílio permanente que só a organização lhe pode dar, nem esta nem a propaganda se poderão desenvolver e quem é prejudicada é só a classe trabalhadora.

O Conselho Confederal da C. G. T., tendo em consideração a necessidade do nosso órgão se manter, neste o que custar, deliberou que dum forma definitiva e obrigatória se lhe criasse uma receita permanente, para de certo modo evitar-lhe dificuldades, para que possa cumprir a missão que a organização lhe impõe.

A Confederação, muito contra a sua vontade, vê-se também forçada a elevar a sua cota por confederação. A C. G. T., tem que enviar e manter delegados na província para desenvolver a propaganda e a organização; tem que facilitar ao Conselho Jurídico meios para desempenhar as suas funções; tem que manter as relações internacionais, d'ia para dia mais apertadas; tem que montar a sua secretaria com todas as condições de bem corresponder às necessidades confederais.

E como não é admissível que a C. G. T. exista somente para a simples troca de correspondência, porque tem que desenvolver a sua acção de modo que se

Situação intolerável

Não bastava a situação económica para nos dar águia pela barba. Não bastavam os truculentos cuidados que os governantes de hoje usam para nos fazer esquecer os ominosos processos governativos de ontem. Não bastavam o sudário, as dificuldades de ordem moral, de ordem social, de toda a ordem, que a grande guerra nos legou, para nos entreterem individual ou colectivo. Ainda lóra necessário que, pela janela dos nossos serviços e sucessivas organizações, apparecessem empunhando a batuta postal uma longa série de heróis em todo o género, desde o autentico carbonário, aboletado pelos seus serviços egoístas ao seu lugar no orgamento, até ao suposto revolucionário com a língua tinta no sangue que a sua mente engendrou nas virgens mãos. A classe telegrafo-postal que acreditou na democracia, que trabalhou para ela, que a aceitou sem mão beijada, está directamente, mercê dos parasitos, dos cínicos e ladinos auilicos daquelles, sentindo as consequências da sua inacção, da sua falta de organização. Anteontem a sua efervescência derivou de necessidades monetárias.

Ontem a sua efervescência derivou das suas necessidades monetárias. Mas anteontem, ontem e hoje, sob aquellas necessidades ponderáveis, sempre se dizizou e variadas vezes se mostrou, uma evidente vontade de atirar para longe com os ridiculos opositores das nossas aspirações. A classe telegrafo-postal teve alguns dos seus membros demittidos quando da greve União Fabril. Tem agora outros transferidos, sem processo nem legalidade, em resultado desta última greve nossa. Tem por satisfazer os direitos que adquiriu, logo que o governo lhes pagou, sem desconto algum, vencimento, gratificação, subvenção, ajuda de custo de vida e exercício.

Tem processos sem despacho, anos nas gavetas. Tem ditaduras, politiceiras, favoritismos, logares preenchidos sem direito, nem decreto. Tem Associações "fechadas" a língua apertada, algumas janelas aparafusadas, as repetições espiaças, os chefes incoheres matietados, os inferiores perseguidos, os serviços desorganizados, desmoralizados pelo que se sabe, pelo que se vê, pelo que se ouve, pelo que se renega e pelos que mandam.

Um ex-ministro aconselhava barreira, um outro prometeu secundá-la, um senador classificou de infâmia o que a barreira alcalinaria em breve. No entanto a classe telegrafo-postal espera, sofre, preparando-se pra se livrar.

O espirito de união revigora-se, a orientação a dar aos seus trabalhos, ao seu futuro assegura-se. Um jornalista confessor nos a pouca intelectualidade do titular que nos apouca. Mas não importa. Esse titular lembrou-nos o dever, trouxe-nos mais sensibilidade, mais desprezopelos que nos afrontam, mais força para os expulsar, mais amor aos semelhantes, mais crença, mais fé em nós e nos que como nós se encontram. Temos por nós a força, temos por nós a união, temos por nós a justiça, temos por nós o dever e teremos por nós qualquer assalariado, qualquer proletário, qualquer vítima dos que lambem o ouro que se lhes amoeia nos bolsos. Estamos coactos, perseguidos, escarnecidos. Temos virão da liberdade organizada, de estudo compensador, de respeito recompensador. Apertem; escarniam; persigam-nos e não se admirem de sentir depois a guelavomitom a língua todas as patifarias de que foram fartos e bem fartos também estamos.

Apertem-nos, mas preparam-se...
Eugénio BATTAGLIA

Anúncios gratuitos

Agora que o aumento de preço para cinco centavos, do número avulso do nosso jornal, nos permite publicá-lo com quatro páginas, vai A Batalha encetar a publicação de uns pequenos anúncios de procura e ofertas de trabalho ou de operários, que a excepção do pagamento do respectivo selo — 2 centavos — serão absolutamente gratuitos para todos os trabalhadores ou patrões que queiram utilizar as colunas anunciadoras do nosso jornal.

Não temos necessidade de salientar as vantagens destes anúncios, pois elas são bem palpáveis. Quem se encontra sem trabalho e procura uma colocação para ganhar a vida, não tem, naturalmente, muito dinheiro para gastar em anúncios, e desta forma encontra um alívio às dificuldades da sua situação, anunciando em A Batalha que, como já dissemos, o faz a troco do simples pagamento do selo.

Para os que procuram empregados, as vantagens também não são menores. E' esta uma questão que interessa a todos, e A Batalha iniciando este serviço tem a consciência que corresponde a um dos fins para que ela foi criada: ser útil em tudo e por tudo aos que trabalham.

JOVENS SINDICALISTAS

Núcleo Central. — Convidam-se os camaradas nomeados para a comissão organizadora do passeio, a reunir amanhã, pelas 21 horas, na Rua da Cova.

Rogase também a comparemência do camarada secretário adjunto e delegados à U. J. S. P.

Terça-feira reúne a comissão administrativa.

O empastelamento de "A Monarquia"

Os camaradas que constituem o quadro tipográfico de A Monarquia, ora em greve, pedem-nos a inserção da seguinte carta:

Camarada director. — O quadro tipográfico de A Monarquia, actualmente em greve, pede-lhe que, em recatificação à nota da imprensa daquella jornal, lhe permita dizer que, na verdade, foi absolutamente alheio ao empastelamento dumante ali praticado. Para melhor salientar a justiça d'este pedido, mais declara que se avistou com o dr. sr. Hipólito Raposo, director interno de A Monarquia, e com elle chegou ao fim desejo de provar o seu completo alheamento a este caso. De v. s. — Ventura Pereira de Almeida, Luis Ribeiro Pais, Custódio dos Santos Lima, Guilherme Xavier da Cova, André Medeiros, Alfredo Rodrigues, Arthur Valente, Tomás de Aquino, Manuel Aires Marques.

Não foi o operário tipógrafo Mário de Almeida, ora trabalhando em O Luso, que apedejou a Associação dos Compositores, o qual é o sócio n.º 314 daquel sindicato, mas um outro indivíduo do mesmo nome, também tipógrafo,

ULTIMAS NOTÍCIAS

Em tórno da Rússia Vermelha

Krassine, delegado russo, deposita um milhão de libras em ouro

BRUXELAS. — Dizem alguns jornais que o sr. Krassine depositou um milhão de libras em ouro no Banco de Inglaterra. Desconhece-se a razão da efectivação deste depósito, se bem que a Grã-Bretanha tenha pedido ouro para pagamento de exportações para a Rússia. O sr. Krassine confederará na próxima segunda-feira com o sr. Lloyd George, e no fim da semana avisar-se-á com os representantes do Supremo Conselho Económico, no qual os ministros serão representados extra-oficialmente.

Continuando o que ontem se não disse, o sr. Lloyd George sobre as negociações russas, acrescentou que as garantias exigidas eram principalmente que o governo dos «soviets» se absteresse de fazer propaganda anti-britânica ou intrigas de qualquer espécie.

O sr. Krassine tomou hoje posse dos locais em New Bond Street que serão oficialmente destinados a escritórios comerciais. — Rádio.

EM INGLATERRA

Lá como cá, impostos sobre impostos

LONDRETT. 5. — O imposto sobre o rendimento discutiu-se pela segunda na Câmara dos Comuns.

O partido trabalhista apresentou uma moção rejeitando o projecto. Graham disse que o aumento do imposto provocaria imediatos pedidos para aumentos de salários. — Rádio.

A agitação irlandesa

Mais «tanks» e aeroplanos para manter a ordem... de Varsóvia

LONDRES. 5. — Os contrachados «Vaspit» e «Valiant» chegaram a Corkharbour tendo desembarcado 1200 homens de infantaria de marinha em Queens-town. Embarcaram também em Plymouth outros 1200 homens do regimento de Meadown para o Sul da Irlanda. Hoje deram-se novos ataques. Um quartel próximo a Tipperary foi atacado à bomba e a tiro o qual se rendeu depois de três horas de combate.

Descarrilaram alguns comboios com mercadorias procedentes de Dublin por terem sido arrancados os rails. O castelo de lord Kildain foi incendiado na semana passada. Na conferência dos trabalhadores do porto, realizada hoje em Southampton, decidiu-se o embargo aos embarques de munhões para a Irlanda. Churchill pediu hoje na Câmara dos Comuns para enviar para a Irlanda 40 tanks e 20 aeroplanos. — Rádio.

Em Espanha

Villalonga está doente

CARTAGENA. 5. — Chegou o sindicalista Villalonga que desde a estação seguiu em automóvel à prisão, acompanhado pela guarda civil. Deu entrada na enfermaria por se achar bastante doente. — Rádio.

TEATROS & CINEMAS

Primeiras

POLITEAMA — Cobardias, peça em 2 actos, de Linhares Rivas, trad. de Odeiro Cesar e Marçal Vaz.

Inaugurou ontem os seus espectáculos de verão a companhia do actor Alves da Cunha, e pode desde já dizer-se, para não banalizar o elogio, que o fez com chave de prata, sendo para desajar que os fechos com chave de ouro. A peça escolhida, foi-o com toda a felicidade, pois os seus dois actos são magistralmente conduzidos, pena sendo que o autor não procurasse vincar mais fortemente o carácter antipático de D. José, num outro acto que, não sendo absolutamente necessário, completava melhor a peça. Isto, todavia, não lhe diminui os méritos, pois não é nosso intuito nem nossa missão discutir aqui as razões porque o autor pensou como entendeu. Simples opinião pessoal e nada mais. Cobardias é uma peça honesta, bem detalhada, com seus falvos de realismo que não lhe vai mal e que serviu para patentear-nos a arte inigualável e o formidável talento da ilustre actriz Virginia que, num papel de mãe extrema, por um filho amalantrado que lhe amargura a existência, soube como ler pela dor verdadeira que sente, pelo receio de novos desvarios, pela tortura íntima de ter de achar razão aos que a acusam de fraqueza, para os quais só tem um grito de alma que se lhe estranha na garganta: filha!

Alves da Cunha, que fez o principal papel masculino, houve-se como um grande artista, quer na composição do tipo, quer nos mínimos detalhes e nas menores inflexões, o que demonstra o estudo e os seus indiscutíveis progressos. Bertu Viana da Mota é que não pôde acompanhar estes dois artistas, não porque lhe faleçam aptidões para a scena mas porque a sua pouca permanência num teatro não lhe permite ainda arcar com papéis senão daquela responsabilidade pelo menos daquele género. A sua voz é muito pobre de inflexões, por enquanto. Algumas das suas frases foram mal sublinhadas, falhas de cor, de vida, fraguejando muito o seu trabalho, sobretudo nas scenas capitais do segundo acto, cheias de vigor, de brilho e relevo dramático.

O que não fez agora, fã-lo há daqui a alguns anos, porquanto não lhe faltam talento nem intenção. Samuel Diniz fez o filho perdulário, que gasta o que é seu e o que é dos outros, parecendo-nos que não manteve a linha fidalga que fere a todo o momento.

A sua indignação perante a notícia do casamento de sua irmã — nobre — com um comerciante rico não foi bem marcada. A sua altivez, o seu orgulho, não se sentiram justamente feridos com

NA ALEMANHA

Os operários opõem-se à entrega dos zeplins aos aliados

BERLIN. 5. — Informações de Friedrichshafen indicam que a entrega dos zeplins em conformidade com o Tratado de Paz encontra dificuldades porque os operários interessados no seu fabrico recusam-se a colaborar na entrega, por a indústria alemã dos zeplins ficar assim ameaçada de depender da aviação comercial. — Rádio.

NA FRANÇA

Matar um homem é imoral; matar milhões é hercoidade lucrativa

PARIS. 5. — O círculo inter-alidado que durante a guerra agrupou a «élite» das personalidades aliadas, acaba de nomear presidente o marechal Foch, o qual foi também eleito presidente da União Inter-alhada. — Rádio.

A solidariedade operária

Os trabalhadores ingleses e irlandeses estão de acordo

DUBLIN. 5. — Dizem que alguns chefes de trabalhadores ingleses apressam o presidente do conselho e o gabinete a enviar os seus esforços no sentido de atender as reclamações dos trabalhadores irlandeses. — Rádio.

A carestia da vida

Desce em certas regiões francesas. Ca aumentam sempre

PARIS. 5. — Informam de Chalons-sur-Saône, que nas feiras e mercados da região, se notou uma redução sensível nos géneros. Os mercados de ave e legumes sofreram importantes baixas. Os preços dos leitões baixaram para mais de 100 francos em 8 dias. — Rádio.

O patriotismo comercial

FERROL. 5. — Os armazenistas decidiram vender as mercadorias ao preço do custo a fim de evitar a emigração de centenas de camponeses. — Rádio.

O presidente do ministério acometido por uma congestão

A' uma e meia horas, quando o ministro do interior fazia a leitura duma carta publicada no Popular de ontem em que era atacado, impressionou-se de tal maneira que tombou com um síncope.

O conselho de ministros reuniu no ministério do interior, redigindo uma nota officiosa, dirigida aos governadores civis, e que será publicada hoje no Diário do Governo a fim de substituir o sr. Baptista pelo dr. sr. Ramos Preto, ministro da Justiça.

O estado do doente, ao que nos consta, é gravíssimo, tendo sido sangrado três vezes.

os verdadeiros insultos que o cunhado lhe dirige; apesar de ser um covarde, tem, por vezes, lampejos de coragem, aquela coragem que ele avalia pelos duelos e pelas pestas dos outros que põe sobre o pano verde. O desempenho, todavia, à parte estes ligeiros senões é regular, para o que contribuiu o cuidado paternal de Araújo Pereira, que ensinou a peça com a sua costumada probidade artística. Poucos mais papéis existem dignos de menção, a não ser o de João Lopes, que apesar de ter progredido um pouco, com respeito a dicção está na mesma: não se percebe quasi nada do que diz.

Enfim, a peça é boa, e vai dar boas casas, certamente.

Gostariamos, contudo, de ver o público um nadinha mais educado, entrando a horas para o teatro e não incomodando quem lá vai para ver outro para ser visto.

Reclames

No Nacional a Federação continua em plena existência e

Borges do Rêgo

RUA IVENS, 11
LISBOAVende azeite EXTRA para
fabrico de conservas

Folha f. c. b. r., estanho L.



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e de uma solidez capaz de resistir a todos os vasos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51

NICOLAU GOMES
CORREA

Alfaiate-Mercador



255-Rua dos Fanqueiros-255

NOTAS & COMENTÁRIOS
por PERFEITO DE CARVALHO
Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

A' Rapaziada!!!
As valentes e péras!

Botas pretas, para homem, a 1375, 1525 e 1675.
Botas brancas, As Valentes, a 1375.
Botas pretas, duas solas, a 1040.
Sapatos, para senhora, a 1130, 1430, 1590 e 1640.
Grande variedade de calçado para criança, e de luxo para senhora.
Para a frente é que é!!!
Venham ver os nossos preços!

Pornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos empregados do Diário de Notícias.

SAPATARIA S. ROQUE
16, Largo Trindade Coelho, 17
(Antigo Largo S. Roque) 27

OURO!!!
Mais barato e não
se paga feitiço—Só milagre!!!
OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.
Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feitiço.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Galoias
TELEFONE 3676

Electricidade

Instalações eléctricas de luz, campainhas, força motriz, pára-raios, telefones, elevadores, gaz e água. (134)

Orçamentos grátis
62-A, Rua D. Estefânia, 62-B
Carlos Costa

PAPELARIA

Viúva de Manuel
da Costa Marques
& C.ª LimitadaRua do Ouro, 36
Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO
DE ARTIGOS PARA ES-
CRITÓRIO

A Transformação
da Sociedade
pela acção do
Sindicalismo Revolucionário

por José dos Santos
Folheto de propaganda onde o autor demonstra o valor do sindicalismo na transformação da Sociedade. Ao preço de \$15.
A' venda na administração de A Batalha.

JANOTAS???

Sejam económicos!!!
Como vestir bem e barato??

Só na ALFAIATARIA JANOTA.
Onde se viram fatos e sobretudos ficando como novos, baratos e no rigor da moda. Especialidade em obra de cinto, variado sortido de fazendas a preços sumidos.
Acabam-se os fatos a feitiço.

Rua do Sol ao Rato, 215, loja a 3.ª andar, esquina S. João dos Bemaventurados. (Eléctrico à porta, carro da Estrela) Postal a S. Madeira. (135)

CARPINTEIROS

Precisam-se para oficina na rua dos Correios, n.º 119 e 121. 7302

Companhia de Papel
de Gois

Ponte de Sotam-Gois

FABRICA toda a qualidade de papeis de embrulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro, costaneiras, almagos, coquiles, escrita, impressão, assentados, capas e carta, bem como papeis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4.317
10, Rua da Nova Alfandega, Porto—Tel. 2.192

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL



ESPECIALIDADE
EM CHAPEUS
DE SEDA
E
FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.ª
ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

O verdadeiro moinho
"AERMOTOR"

Orçamentos
grátis
JUSTO, SANTOS
& THIMOTEO, L.ª
Tr. do Rosário, 10-A
(à Praça da Alegria)

Acidentes de trabalho

Seguro obrigatório

O Diário do Governo de 22 de Novembro de 1919 publica o modelo da caderneta profissional, que todos os patrões são obrigados a fornecer a todo o seu pessoal, em conformidade com a nova lei de 10 de Maio de 1919.

A MUNDIAL, a fim de facilitar aos seus segurados o cumprimento da nova lei, fornece gratuitamente as referidas cadernetas. Pedidos das cadernetas bem como dos exemplares da nova lei à



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL, 500.000\$000

RESERVAS: 405.402\$76,7

Sede em Lisboa—Rua Garrett, 95

Telefone 4084

Delegação no Porto—Rua Sá da Bandeira, 331, 1.ª

CLINICA DENTÁRIA
BARROS MARINHAS

Extrações dentes por anestesia especial. Colocação dentes fixos e com placa.

25—Rua da Assunção—25

(Esquina da R. da Prata)

Fundição Tipografica
"A Funtipo,"

P. Gini—Director Técnico

Instalações rápidas para jornais e tipografias de luxo

Escritório e Depósito

R. Nova da Piedade, 60, 2.ª-D.º

22 Telefone C.—4329

O BRIC-Á-BRAC DE ALCANTARA

JOSÉ NICOLAU VERÍSSIMO

Rua de Alcântara, 37

SUCURSAL—Rua do Livramento, 111 e 113

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobílias completas de quarto, casa de jantar, escritório e sala. Sucatas, tapas, papel e lãs. 5 0/10 de desconto aos assinantes de A Batalha.

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Ribes Maredo & Borges, S. res 249

67, Rua do Bom Jardim, 69—PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C.ª

Rua da Alfindoga, 92—LISBOA

sendo os preços por caixote de 3:600 caixinhas (25 grozas):

Fósforos de enxada 36\$00 ou \$01 por

caixinha; ditos Amorfo, 72\$00 ou \$02;

ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02;

ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de

caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera

de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00

ou \$03 por caixinha, com o desconto

legal de 10 0/10, seja qual for o número

de grozas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora

na execução dos pedidos ou falta de

concessão do desconto, devem ser diri-

gidas à Companhia Portuguesa de Fos-

foros, rua de S. Julião, 139—LISBOA.

Africa ocidental

Vapor «Mossamedes»

Sairá no dia 15 de Junho para

os portos do costume tocando em

B. Velha.

Africa oriental

Vapor «Africa»

Sairá brevemente para Loanda,

portos do Congo com baldeação

em Loanda, Lobito, Mossamedes,

Cabo, Lourenço Marques, Beira e

Moçambique; e para Inhambana,

B. Dias, Chinde, Quelimane, An-

goche, Porto Amélia, Ibo e Tun-

gue com transbordo.

Para carga e quaisquer escla-

recimentos dirigir-se aos escri-

tos da

Companhia Nacional de Navegação

Em Lisboa, Rua do Comér-

cio, 85.

No Porto, Rua da Nova Alfa-

ndega, 34.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os officios
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,
latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carros, vagonetas e todos os pertences de material
«Decauville»

22, Largo de S. Julião, 23

Rua Nova do Almada, 1, 3 e 5

LISBOA

A CATEDRAL

Romano de arte social, original

do camarada

Manuel Ribeiro

300 pags. — 1\$50

A' venda na administração de

A BATALHA

ALFAIATARIA

do

MUNDO CHIC

Confecção com a máxima per-

feição e economia. FAFOS para

HOMENS e VESTIDOS para SE-

NHORA.

Acaba fazendas ou fornece

fios de padres.

Preços sem competência

RUA DO MUNDO, 66

(Em frente do jornal)

LISBOA

Obras de educação profissional, de sciencia, filosofia, sociologia e higiene.
Brochuras e folhetos de propaganda sindicalista.
Romances sociais, teatro livre, retratos, postais, hinos, canções revolucionárias, etc.

Serviço de livreria de A BATALHA

Os lucros realizados pelo
nosso serviço de livreria são
exclusivamente aplicados à
propaganda. Auxilia-se A BATA-
LHA, adquirindo, por intermê-
dio da nossa administração,
os livros e mais publicações
de que se necessita.

Organizam-se e fornecem-se
projectos e orçamentos de bi-
bliotecas populares, cooperati-
vistas, sindicais, etc.

A administração de A Batalha, desean-
do contribuir para o cultivo dos trabalha-
dores, propõe-se facilitar-lhes os meios
de se instruírem e enriquecendo-se de
forneer todos os livros e folhetos que
se iniciam e iniciando em breve a sua
seccção editorial.

A leitura é um dos meios de educação
do operário e quanto maior for a capaci-
dade de leitura entre as classes trabalha-
doras, mais próximo estaremos de conse-
guir a emancipação que todos anelamos.
Por isso a nossa administração, na situação
económica, todo o trabalhador pode li-
tar-se desde que dedique, a aquisição de
livros e folhetos educativos, aqueles cen-
tos que mal gasta no tabaco, na taberna
e no café, e em divertimentos que o en-
dormecem e brutificam.

Relixão dos nossos camaradas e
amigos submetemos a circumscripção de
esta seccção de livreria redimindo em bene-
ficio de A Batalha, pois o desconto que as
casas editoras fazem para a revenda, re-
verte a favor da nossa administração que
empregará todos os esforços para atender
pontualmente todos os pedidos que lhe fa-
çam de livros e folhetos.

A medida que as circunstâncias permi-
tam, publicaremos a relação daquelas
obras que, em nosso opinião, possam dar
a orientação que deve seguir o proletaria-
do que deseja emancipar-se da explora-
ção capitalista.

Não esqueçamos que os pesos debarão
de ser explorados e tirados quando
deixarem de ser ignorantes.

A's casas e grupos editores, a adminis-
tração preve que se encarrega da venda,
a consignação, de todos os livros e folhe-
tos que editam e cuja leitura possa ser re-
comendada por A Batalha.

Sociologia

Adolfo Lima—O contrato de trabalho... 600
Antonelli—A Rússia Bolchevista... 600
Albert—O amor livre... 600
A. G. Santos—A Questão Operária e o Sindicalismo... 625
Briand—A Greve Geral... 610
Bucher—Na aurora do Seculo XX... 600
Campos Lima—O movimento operário em Portugal... 650
Dufour—O socialismo e a próxima revolução (2 vol.)... 1420
Delaury—Os financeiros, os politicos e a guerra... 605
Etienvant—A minha def... 605
Emile Pouget—A confederação geral do trabalho... 625
Emilio Costa—Acção directa e acção legal... 605
Fraser—A Rússia Vermelha... 1400
Para Ribas—O Socialismo e o conflito europeu... 650

Grave:
A anarquia—Fins e meios... 1410
A sociedade futura... 680
O individuo e a sociedade... 680
Griffiths—A Acção Sindicalista... 625
Guedes—Aos assalariados... 610
Guyon—Ensaio de uma moral... 680

H. Salgado:
A sciencia e a religião... 675
Mentiras religiosas... 615

Hamon:
A conferência da Paz e a sua obra... 630
As lições da guerra mundial... 1420
Psicologia do militar profissional... 680
Psicologia do socialista-anarquista... 680
Socialismo e Anarquismo... 630

Krapotkine:
A conquista do pio... 1420
A grande revolução (2 vol.)... 1420
Em volta da vida... 1490

Moral anarquista... 610
Os bastidores da guerra... 605
Legardelle—Socialismo e Socialis-
mo... 650
Landauer—A Social Democracia na Alemanha... 605
Leone—O sindicalismo... 600

Malatesta:
A politica parlamentar no movimen-
to socialista... 605
Em tempo de eleições... 605
O Programa Socialista anarquista revolucionário... 605
Marx—O capital... 605
Molnar—A sociedade e as multides... 630
M. Pierrot—Sindicalismo e Revolu-
ção... 615

Nietzsche:
Anti-Christo... 650
Como falava Zarathustra... 1450
Genealogia da moral... 650
Naquet—A caminho da União livre... 680

Prat:
Necessidade da associação... 605
Sindicalismo e greve geral... 630
Raland—A Rússia Nova... 610
Ratos—A Diadema do Proletariado... 605
Rosa—A sugestão e as multides... 630
Russumano—A escravidão da mulher... 630
Santos—A Transformação da Sociedade... 615

Toilet:
A escravidão moderna... 650
O canto do cine... 650
Ultimas palavras... 650
Vanderwilde—O Coletivismo e a Evo-
lucão Industrial... 655
Varenes—O Terrorismo em França... 470

A Sementeira

Os 4 anos da 2.ª série (1918 a 1919)
36 páginas... 1400
FOTOGRAFIAS (em papel cou-
che) de Bakunine, Berthelot, Su-
dermann, cad... 625
Postais de Lênine e Trotsky (2)... 630
1.º de Maio: Capital e o Trabalho a
O (2) (número comemorativo do 1.º de
Maio de 1919)... 602

A leitura é um dos maiores praze-
res que ao Homem é permitido go-
zar. Revolta o pensar que há quem
o não possa saborear porque não
sabe ler, indigna o saber que há
quem o não gose porque não quiere.

Literatura

Alfredo N. Dias—Razão (poema-
to social)... 650
E. Silva—Teatro livre e Arte social... 605

Gorki:
Os degenerados... 600
Os vagabundos... 650

Ibsen:
Espectros (drama)... 600

Manuel Ribeiro:
A Cathedral... 1450
Imperiosa verdade... 610
O sentido de viver (versos)... 640

Mirbeau:
O Jardim dos Suplicios... 650
Memórias duma criada de quarto... 1420

Paraíso das Damas (2 vol.)... 1420
Teresa Raquin... 680
Uma página de amor (2 vol.)... 1450

Ciência e Filosofia

Alfred Binet—A alma e o corpo... 1400
A. Dastre—A vida e a morte... 1400
Eneiditi—Arte de estudar... 600
Bneyssel—A vida social... 1400
Benuzzi—Criação e vida... 600
Colson—Organismo económico e de-
sordem social... 1400
Denoy—Descendemos do macaco?... 600

E. Faguet:
Arte de ler... 650
A mulher e a civilização... 650
Iniciação Filosófica... 1400
Horror das responsabilidades... 600

Flamarion:
Iniciação astronómica... 1400
Astronomia popular... 650
A vida nos astros... 650
Curiosidades astronómicas... 650

F. Dantec:
A sciencia e a vida... 1400
Arte de ler... 650
Jean Crust—A vida do Direit... 600
Le Bon—Evolução geral da vida... 650
Strass—A velha e a nova fé... 670

Edouardo—nos e instruo-nos an-
tes de pretendemos educar e en-
sinar os outros.

Elementos de:
Química... 1440
Electricidade... 5410
Mecânica... 1440
Modelação de ornato e figura... 1440
Física... 1440
Projeções... 1440
Física... 1440
Mecânica... 1440
Química... 1440

Quanto mais sabemos, mais nos
convencemos de que muito ainda nos
falta saber. Dai a necessidade de
prosseguir estudando, continuamente.

Mecânica

Elementos de mecânica... 1440
Iniciação de mecânica... 1440
Material agrícola... 1440
Nomenclatura de caldeiras e de má-
quinas a vapor... 1440

Construção Civil

Acabamentos de construções... 1400
Alvenaria e cantaria... 1400
Arte de ler... 650
Encanamentos e sapabridade das habi-
tações... 1440
Materiais de construção... 1440
Terraplenagens e aterros... 1440
Trabalhos de serralharia civil... 1440

Manuais de officio

Automobilista... 2410
Condutor de máquinas... 2410
Fabricantes de tecidos... 1440
Ferreiro... 1440
Goleiro... 1440
Fundidor e esculador... 1440
Formador de serralharia civil... 1440
Navegante... 2410

Além das obras inclusas
nesta relação, satisfazem-se
todas as encomendas de livros
que venham acompanhadas da
importância correspondente,
acrescida de 10 por cento do
valor da obra e de mais \$08
para porte de correio e re-
gisto.

Todos os pedidos de livros
devem ser endereçados ao
Serviço de livreria de
A BATALHA
Calçada do Combro, 38-A, 2.ª
LISBOA — PORTUGAL